

## PREFÁCIO QUE DEVERIA TER SIDO E NÃO FOI \*

*Temístocles Linhares*

*Algumas palavras sobre...*

Foi com estas palavras precisamente que, há mais de cinco anos, eu iniciava a apresentação da coletânea dos primeiros contos premiados no Concurso Nacional de Contos instituído pelo Governo do Estado do Paraná. Por que, de novo, sou eu que faço agora a mesma coisa, depois de realizados já cinco concursos anuais? Fácil se torna responder. Primeiro, fui o julgador paranaense que atuou mais vezes, pois deixei de participar apenas de dois concursos. Segundo, sempre entendi que a publicação dos contos premiados era complementação imperiosa, sem a qual o concurso não se justificaria plenamente. Premiar contos para conservá-los inéditos dois anos pelo menos (era o que impunha o regulamento) é algo de disparatado e insensato, difícil de ser aceito. Quem não o reconhece? No entanto, isso ocorreu durante três concursos realizados, justamente os que me leiam entre o I e o V, o desta coletânea. Do II participei como membro da comissão julgadora e agora o digo de público: um dos motivos que me fizeram jurar então não figurar mais em nenhum juri de tal tipo era o de não ter condicionado a minha colaboração a essa exigência evidente, tão evidente que não cheguei a pensar nela. Como admitir a possibilidade de um concurso literário para sujeitá-lo de todo alheio à maior aspiração dos que escrevem? São tamanhas e tantas as razões em contrário que não pensei nelas, como não pensaria quem já tivesse alguma experiência do que pudesse significar um concurso de contos,

\* Este prefácio foi preparado para uma edição que não saiu dos Contos PREMIADOS do Concurso de Contos do Paraná de 1972.

a exemplo do que fazia o Governo do Paraná, que, além do mais, não pretendeu circunscrevê-lo ao âmbito estadual, como ainda hoje se lembram de recriminar alguns espíritos tacanhamente provincianos. O caráter nacional do concurso constitui hoje um de seus títulos de maior glória, permitindo que irmãos de todas as regiões brasileiras, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, se interessassem por ele e pensassem no Paraná, cujo Governo dera exemplo a ser imitado e que não haveria de deixar de repercutir nos nossos homens de Estado de boa vontade ou capazes de compreender que a não-ação, em matéria de cultura e estímulo às belas e boas letras, corresponde sempre a uma ação, ainda que inconsciente. Sim, quem não sabe que não agir também significa uma escolha e que essa escolha nos modifica de qualquer modo? Seja como for, a não-ação é o mais das vezes má ação. Não quero dizer com isso que os maiores responsáveis pelos três concursos "incompletos", a que me referi, não a tenham praticado. Praticaram-na em verdade, deixando de compreender que o mundo, pouco ou muito, pode ser sempre modificado por qualquer intervenção humana. No campo da cultura, acima de tudo, é que mais se acentua a presença da ação pessoal e qualitativa e essa, de alguma maneira, já se vislumbra em nosso meio, apesar dos pesares. Que horrível seria o Governo de qualquer parte se os seus homens representativos não passassem de bonzos insensíveis, fechados em seus orgulhos de casta, se não manifestassem nenhum respeito ou interesse pela dignidade de outras profissões e sobretudo por essa dos homens que escrevem e favorecem até a formação cultural do próprio político! Felizmente, para gaudio de nossos foros culturais, já vêm sendo ultrapassados os tempos e os homens que viam na Literatura e nas Artes, em obediência à moral burguesa predominante, simples passatempo de ociosos, adorno ou luxo inútil, e não esse niego de conhecimento, esse alargamento de horizontes de que não prescindem sequer o cientista mais especializado, o técnico não bitolado ou o filósofo habituado aos métodos da pesquisa desapaixonada, todos interessados já agora em não iridir na teorização do nada, do vazio e da ausência, mas atentos aos problemas da vida cotidiana, dos novos conteúdos da realidade contemporânea.

Será fácil avaliar o que representará como documentação, dentro de alguns anos, esse acervo fabuloso de milhares e milhares de contos procedentes do Brasil inteiro? Que riqueza de contradições dialéticas eles encerram, ao lado do seu número de comentários a serem feitos pelo observador futu-

ro! Assim, fez bem o Governo em confiar a guarda desse documentário à Biblioteca Pública do Estado, que saberá preservá-lo das traças e até das intenções dos autores, pois além delas se poderá mais tarde buscar outro texto, inintencional, de grande proveito para a compreensão da vida brasileira, em suas mais variadas e distintas regiões, descobrindo mesmo o estatuto de realidade sobre o qual assentava a ordem social estabelecida no país em tempos que já terão passado. Na verdade, a literatura, além da mensagem que o autor se propôs difundir e que então será um avatar puramente lingüístico, ensinará muita coisa em relação ao espaço em que se instaurou, ou ao meio que a inspirou. Pouco valor literário ela poderá ter o mais das vezes, mas quantos problemas delicados e escabrosos ela poderá levantar com rigor científico diante de uma análise objetiva capaz de recusar tanto o impressionismo subjetivista como o fetichismo burguês designado pela unidade sintagmatal do "belo". Isso não quer dizer, afinal, que pesquisas não possam ser feitas para além do simples "récit", em que o autor não passe de mero ator ou agente, protagonista ou personagem.

E já, nesta altura, é de todo conveniente registrar o depoimento de um julgador que, se leu muita coisa ruim, principalmente no sentido que se empresta ao literário, em que este deixa de ser um comentário sobre o mundo e a vida, um discurso sobre o ser, para ser um objeto que tem a si mesmo por objeto, muita coisa boa encontrou no sentido oposto, o que também não deixa de ser literatura sob muitos aspectos, embora sem pretender identificar nela essa superstição nascida sob o signo da superestrutura da sociedade hoje vigente. Realmente, quantos os itinerários seguidos em plena noite, em sentido oposto ao dessa crítica, cuja preocupação maior é fazer desaparecer a noite, cada vez mais consciente das formas e dos meios de escrever, submetidos por ela à luz cegante e incômoda do dia. Na realidade, literatura também se faz sem literalidade, por mais arriscado que seja proclamá-lo agora, quando prevalece a crítica que prescreve a escamoteação do livro, substituindo-o por algo de comestível. Mas não é na obra mesma que devemos aprender a le-la? É certo que se diz ser preciso saber le-la para poder le-la. Acontece, porém, uma obra se torna compreensível de imediato e, quando tal sucede, segundo essa nova crítica, já não se deve mais le-la absolutamente. O que significa que só devemos ler o que não se comprehende. O que, por outro lado, também não significa que entre esses milhares e milhares de contos não se encon-

trem muitos de acesso difícil e penoso até para maior alegria, sem dúvida, dessa crítica que se mostra tão segura de si mesma, mas só se compraz na análise de obras já consagradas.

E aqui chegamos a outro ponto: as dificuldades em que se encontra o julgador diante de obras não publicadas ainda, a não ser no caso de conjunto de obra. Como pode o julgador, nesse caso, mostrar-se tão seguro de si diante de obras ou produções inteiramente desconhecidas? É certo que lhe é dado o privilégio de fazer descobertas. E estas muitas vezes ocorrem, proporcionando-lhe as melhores alegrias. Mas quantos e tantos também são os enganos cometidos! Eu, de minha parte, não hesito em confessar humildemente que julgo ter me enganado mais de uma vez, refazendo mais tarde os meus julgamentos. A despeito da experiência e dos anos que trago nas costas, não sou infalível e estou mesmo propenso a aceitar quaisquer observações fundadas que me façam, pois não acredito muito em crítica científica e não a concebo imune de ponderável parcela desse malfadado impressionismo subjetivista, tão variável e inconteste, segundo a disposição e o estado de espírito que nos condiciona como leitor e, consequente, como julgador.

Não se creia que estou com isso procurando penitenciar-me dos meus atos de julgador de concursos. Já participei de tantos que hoje estou convencido, dentro da relatividade humana, quanto é difícil julgar e encontrar o consenso geral. Não vai nessa atitude também nenhuma censura ou restrição aos companheiros e, nesse plano, no caso deste V Concurso, ainda me cumpre declarar, já que é impossível alcançar a unanimidade e a perfeição em crítica, que tive a meu lado dois altos espíritos, cujo nome aqui inscrevo com o maior respeito: Guilhermino Cesar e Fabio Lucas. Não houve de parte deles nenhum deslise, discutindo os seus pontos de vista com a elevação necessária para compreender bem esse privilégio da imperfeição que distingue o homem. Sim, porque existe muita coisa “perfeita”, no sentido de não haver distância entre o que ela seja e o que pode ou deva ser. Tal, porém, sucede apenas em relação às formas inferiores de vida, que alcançam rapidamente os seus objetivos reais ou aparentes. Para ser mais claro, eu repetiria o que já li em alguém e vem a calhar neste momento: uma folha ou um boi são aquilo que devem ser, chegando mesmo a ser perfeitos no que são, não podendo ser outra coisa diferente. No julgamento literário

tudo se transforma em dúvida e problema e o julgador, em contacto contínuo com os métodos e resultados, seja da crítica tradicional, seja da chamada nova crítica, toma consciência cada dia dos abismos do não saber e da distância cada vez maior que o separa do ideal da perfeição.

Não se creia ainda que a minha preocupação seja salvaguardar o que escolhemos como melhor, dentro das limitações que nos foram impostas: as de selecionar apenas três dos vinte ou trinta autores, entre mil, que nos pareceram dignos de escolha. As dificuldades já se entremostram aí e indicam quanto seria mais cômodo para nós premiar esses vinte ou trinta, não obstante nem eles fossem os mesmos entre nós três, a despeito das afinidades que nos ligavam e do clima de entendimento havido. O que, por sua vez, revela o bom nível geral dos contos. E outra coisa curiosa: do Primeiro Concurso para este as diferenças foram grandes. Diferenças para melhor, é evidente, e que mostram quanto o conto é gênero estimado no Brasil. Não só estimado, mas também cultivado, o que não deixa de ser bom sinal, pois se há gênero que exija do escritor cuidados quase sobrehumanos, sujeito como se acha a um conjunto de motivações inconscientes ou à influência de toda uma classe social, esse gênero é o conto. Na verdade, sob certos aspectos, o escritor chega a desaparecer completamente, despojado de sua maneira de escrever, de seu estilo. Seria até necessário aplicar-lhe a análise que Sartre faz do "outro", como já se observou. Esse "outro" que se anula, desaparece, se condensa, se petrifica. Como são inúmeros os mecanismos que o contista, para sermos mais diretos, é obrigado a utilizar! O que transparece mais então é mesmo o método do crítico, que se introduz no conto, contestado e como que devorado por ele. Quantas teorias sobre e para ele não existem hoje? Seja como for, exige-se muito mais do contista do que do romancista, detentor de campo mais vasto. Tão vasto que se diz até não ter o romance regras e normas inflexíveis, como tinham os gêneros em outros tempos. O conto, por ser gênero mais novo talvez, tem contra si toda uma herança de requisitos e preceitos de que ainda não lhe foi dado emancipar-se. ,

Assim, dentro de semelhante perspectiva, não se torna nada fácil julgar contos, onde a linguagem, tal como ocorre na poesia, pode ser considerada fator predominante. Essa linguagem, bem entendido, expressa o homem, a acreditar em Guimarães Rosa, contista dos maiores que tivemos e hoje

exerce influência considerável sobre os jovens, empenhados em imitá-lo e seguir-lhe as pegadas, o mais das vezes sem resultado. Sem conta, indiscutivelmente, os contistas que leem o autor de *Sagarana* e *Primeiras Estórias* e procuram captar-lhes as lições admiráveis. Que é que fazia ele, afinal de contas? Partia da linguagem, da palavra, dos signos, as suas primeiras certezas, para chegar aos outros problemas do contista: o meio onde ele foi procurar alguma coisa, as personagens com quem mais se familiarizou, o gênio do povo a que ele próprio pertencia, etc., etc.

Mas outras influências também podem ser percebidas: as de Dalton Trevisan, de Clarice Lispector, de Lygia Fagundes, para ficar apenas em autores nacionais. Como negar também a influência da crítica sobre o conto atual? Uma influência que chega a ser algumas vezes aterradora, havendo mesmo quem indague se semelhante subordinação não provém de algum terror diante dessa crítica que não se contenta com ver a obra, mas a vasculha à maneira policial em suas partes mais recônditas e obscuras. Que sucede, então? O autor desaparece completamente, como já vimos, distante de tal investigação ou processo de nadificação sartreana. Nem todos os nossos contistas, é claro, se entregam conscientemente à voz anônima que produz a obra, deixando de ser aquele sujeito ativo que a produzia. De qualquer modo, não estamos fazendo outra coisa senão seguir certa orientação da literatura de hoje. Assim, quantas já não são as obras estruturais que vão ao encontro da crítica estruturalista? Ou mesmo quantos são os autores que se prendem ao tema para se tornarem agradáveis à crítica temática?

Lembro-me a propósito do contista paranaense, Sr. Rogério Bonilha, que se ateve integralmente ao tema da computação eletrônica. É certo que mais para satirizar o tema do que para se escravizar a ele.

Já agora, porém, cumpre-nos seguir por partes, começando pelos três primeiros premiados. Não há muita diferença de nível entre os dois primeiros pelo menos. Por que então o Sr. Mafra Carbonieri tirou o primeiro lugar e a Sra. Dinorath do Valle o segundo? Entre outros motivos, quero crer que tenha sido pela sua espontaneidade, pela sua independência, sem se prender a teorias e conselhos, ou seja a postulados críticos. Talvez ele tenha mais procurado seguir os seus próprios dons, tenha mesmo seguido a sua imaginação, em que a parte reservada ao arbitrário venha a ser a mais

positiva, sem que, contudo, este se oponha à realidade e nela se insira sem embaraço. É evidente que ele não deixa de seguir as suas regras. O movimento e o ritmo dos seus contos são acelerados, mas não tanto que excluam o senso da medida e o instinto da composição, ainda presentes em muitos contistas modernos. Como quer que seja, existe nele o *flash* dos autores de hoje, que se impõe como condição prévia indispensável. A virtualidade de provocar semelhante recurso ele o possui, fazendo fulgurar esse jacto imprevisto de luz, o que não significa seja ele destituído de outros dons, a começar de um realismo vital impressionante.

Quanto à Sra. Dinorath do Valle, em sua "Trilogia da Infância", como logo se vê, ela não deixa de se prender ao seu tema, sofrendo ainda a influência de Guimarães Rosa, para fazer contos de estilo lingüístico, se é possível dizer. A estruturação do tema talvez seja, porém, o que importa mais para ela. Talvez ainda se encontre na autora alguma influência da psicanálise, entendida mais como matéria misteriosa, auxiliar, sem fundamento científico, com base sobretudo em observações psicológicas. Há nela ainda, quanto ao estilo, uma arte super-elaborada que leva à embriaguez da forma, o que se dava evidentemente em Rosa.

O terceiro colocado, o Sr. Wander Piroli, é bem diferente. Leitor de Joyce, também surge nele a influência do jornalismo. E jornalismo policial, como se vê logo no primeiro conto. O segundo conto lembra Kafka, mas o mais importante a considerar no contista talvez seja a sua preocupação de assimilar a forma literária à forma visual. O espaço pictural não é o espaço dos contos, pois os materiais não chegam a poder ser comparados. O modelo pictural pode, porém, ajustar-se imperfeitamente às condições da criação literária, se bem que aqui ele não deixe de traduzir uma relação do sentido com a forma tão seguramente reclamada por seus contos. Ela, sem dúvida, é que detém o leitor num espaço fechado, do qual se lhe torna difícil fugir, sob pena de não mais compreendê-la. E compreender em literatura é experimentar e sentir uma presença.

O Prêmio Revelação, esse, foi realmente uma revelação, pois o Sr. Roberto do Valle surge como contista vitorioso, chegando a atingir a zona preciosa em que a poesia e o real coexistem, em que a forma não pode dissociar-se do sentido, reconhecidos ambos como contemporâneos e consubstanciais. A impressão é de que escrevendo os seus contos o autor des-

cobre o que queria dizer e que antes ignorava, tal como se dava com Flaubert. Desprendidas de tal forma reveladora, as intenções do autor como que se volatizam. As intenções são as de seus contos, mostrando quanto é impossível fugir à forma. As belas obras são filhas de suas formas, de seus estilos, que nascem antes delas. Assim, dá-se à forma a virtude inventiva, heurística de “encontrar fazendo”, ou como queria Balzac de pensar com a brocha na mão, o que quer dizer criar formas, sendo a forma a experiência mais íntima do artista, o seu único instrumento de conhecimento e de ação.

Não podem deixar de merecer também referência as três menções honrosas da categoria de estreante, o que não deixa de ser sintomático: a força dos novos que ingressam no gênero! O primeiro nome a mencionar é o do Sr. Sérgio de Castro Pinto, da Paraíba, autor já de dois livros de versos. Aqui ele continua poeta, mas poeta sensível aos objetos, que se manifesta sob a forma gustativa, através de uma sensibilidade específica e elaborada, em que entra uma ponta de sensibilidade estética, uma vibração de “todos os sentidos fundidos num só”. Depois, vem o Sr. Domingos Pellegrini Jr., de Londrina, que tem a seu favor a escola do jornalismo e encontra a sua vocação na técnica de contra-ponto, segundo a qual o ponto de vista do narrador comanda o ponto de vista do leitor, os contos se apresentando como imagens desoladas da existência. E por último a terceira menção honrosa, a do Sr. Gilberto Andrade de Abreu, de Passos (MG), que se detém na pintura de flagrantes de roça e as suas qualidades, creio, ainda não puderam ser reveladas.

O prêmio da categoria de estudantes coube ao Sr. José Dirceu Camara Leal de Oliveira Filho, de São Paulo, que revela alguma técnica e promete bastante, com as suas personagens submetidas ao acaso de suas sensibilidades, de suas sensações. Tudo nele, porém, ainda parece imaturo.

E agora chegamos ao fim, para dizer alguma coisa da premiada por conjunto de obra: a Sra. Lygia Fagundes Telles, grande nome do conto brasileiro atual. Qual o seu método? A meu ver, a autora parte da significação e chega à forma. A questão do tema nela assim tem muita importância. Ela se interessa, por exemplo, pelos objetos, mas objetos de origem humana, feitos e lançados para e pelo homem (um saxofone, um cinzeiro, um vidro, etc.) e que, quando olhados, quando tocados, começam a viver como nós, “muito mais im-

portantes do que nós — diz a contista — porque continuam". Na verdade, eles são mais tocantes que os objetos naturais, porque humanos. Mais decisivos, mais capazes de conseguir a aprovação. Quanta coisa se poderia dizer sobre as coisas e sobre Lyigia Fagundes, dentro mesmo da crítica temática, no sentido que lhe deu Barthes de entrelaçamento organizado de obsessões! Aqui não cabe fazê-lo, já que o nosso objetivo é dizer apenas algumas palavras. E ele está consumado. Temos dito.